

A NOMEAÇÃO DO ESPAÇO NA DESCOBERTA DO RIO DAS AMAZONAS

Auricléa Oliveira das Neves (UFF)¹

Carvajal na expedição de Francisco de Orellana

O texto de frei Gaspar de Carvajal, *Descobrimento do rio de Orellana*, escrito entre 1541/42, está relacionado às disputas político-expansionistas entre portugueses e espanhóis, delimitadas pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Naquele contexto, Portugal e Espanha têm a preocupação de resguardar os lugares por eles conquistados, estender seus limites e colonizar suas posses. A configuração do que é hoje a Amazônia ocidental pertencia à Espanha e era um prolongamento de terras peruanas conquistadas para o reino espanhol.

Em termos locais, várias tentativas de reconhecimento e colonização do território brasileiro são empreendidas pelo governo português: vivencia-se a primeira forma de colonização, com Martim Afonso de Souza (1531) e o sistema de capitanias hereditárias (1534) que constituíram a primeira divisão administrativa do Brasil dos portugueses.

Seguramente, dois textos sobre a nova terra já haviam sido publicados e, em parte, também eram conhecidos: *Mundus Novus*, de Américo Vespúcio, e a *Relação do Piloto Anônimo*. Quanto ao Brasil dos espanhóis, circulavam notícias de um local misterioso, onde abundavam riquezas, o Eldorado, ratificadas pela presença de ouro e de prata na América espanhola.

Frei Gaspar de Carvajal é considerado o primeiro cronista a registrar os acontecimentos referentes à viagem capitaneada por Francisco de Orellana², em toda a extensão do rio Amazonas. Além do aspecto inaugural de seu trabalho, o

.....
¹ Doutora em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal Fluminense.

² Conforme C. de Mello-Leitão, Francisco de Orellana era natural de Trujillo da Extremadura espanhola, nascido em 1511. Em 1535, seu nome aparece ligado aos irmãos Pizarro, seus conterrâneos, e à conquista de Lima, Trujillo e Cusco. Em 1541, se junta à expedição de Gonzalo Pizarro que busca conquistar as terras do Eldorado e da Canela. Em razão de inúmeras dificuldades da expedição de Gonzalo, Orellana prossegue com alguns homens até o vale do rio Amazonas em busca de ajuda de onde segue como comandante da primeira expedição a percorrer esse rio dos Andes ao Atlântico. Após esse feito, segue para Espanha onde recebe do governo as terras por ele descobertas, denominando-as de *Nova Andaluzia*. Em 1546, Orellana organiza nova expedição para percorrer a Nova Andaluzia, mas com problemas pessoais de diferentes ordens, vem a falecer durante a viagem, tendo sido enterrado nas terras que ajudou a conquistar.

religioso descreve e nomeia o que vê e seu texto passa para a posteridade como discurso que deixa vestígios em outros escritos, quer seja na reiteração do que afirmou, quer seja na negação do que relatou. Auxiliomar Silva Ugarte (2004) analisando a divulgação do feito de Orellana e o registro de Carvajal na tese *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos* (séculos XVI e XVII), assim se pronuncia:

se o capitão Francisco de Orellana foi a *prima vox*, que deu imediata divulgação aos acontecimentos vividos por sua expedição ao longo do rio *Marañon*, porém, foi outro amazonauta, que ao organizar a memória escrita da viagem – ironicamente, quase relegada ao esquecimento completo – deixou à posteridade o mais rico testemunho das impressões que a pequena tropa espanhola teve dos ambientes e gentes do grande rio. Trata-se do padre dominicano frei Gaspar de Carvajal (Urgate, 2004, p. 46).

Segundo C. de Mello-Leitão (1941), frei Gaspar de Carvajal era natural de Trujillo da Extremadura espanhola, nascido em 1504. Durante a juventude professa votos na Ordem de São Domingos e, em 1537, chega ao Peru na condição de missionário. De acordo com a documentação dominicana, frei Gaspar de Carvajal, juntamente com outros dez frades, são os primeiros religiosos daquela congregação a chegarem à América, onde fundam o primeiro convento da Ordem de São Domingos de Gusmão naquele território.

Na carreira eclesiástica, Carvajal exerceu uma série de cargos importantes. Em 1538, foi vigário provincial de Lima; em 1544, vice-prior; em 1548, prior em Cuzco; em 1575 tornou-se provincial de sua Ordem no território peruano e realizou inúmeros trabalhos em favor das comunidades nativas.

A saga de Orellana e o relato de Carvajal

Sobre a crônica do rio Amazonas, alguns fatos concorreram para que o religioso viesse a tomar parte na viagem de Francisco de Orellana. Estan-

do Carvajal no Peru, na condição de vigário geral de Lima, um conterrâneo seu, Gonzalo Pizarro, toma posse do governo de Quito e o convoca para dar assistência espiritual a seus soldados. Desejoso em conquistar as terras do Eldorado e da Canela, Pizarro parte em 1541, no comando de uma expedição com cerca de quatro mil índios e duzentos e vinte espanhóis, de acordo com o registro do etno-historiador Antônio Porro. No vale de Zumaco, um experiente militar, o capitão Francisco de Orellana, se junta ao grupo e após dois meses de viagem, pouca riqueza é encontrada.

Gonzalo Pizarro volta e ordena que outro grupo construa um bergantim, no qual embarcam Francisco de Orellana, frei Gaspar de Carvajal, acompanhado de outro dominicano e cinqüenta e sete soldados, com objetivo de prosseguir viagem, procurar ajuda e melhor explorar rio abaixo. Nessa aventura Carvajal é ferido duas vezes por flechas, uma das quais lhe atinge um dos olhos, vindo a perdê-lo. É nestas condições que a crônica de Carvajal é redigida.

No começo do texto o dominicano registro os seguintes dizeres: “tudo que eu contar d’aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi” (p. 13).

A pequena expedição de Orellana parte rio abaixo e dois dias depois sofre o primeiro acidente: “quase nos perdemos no meio do rio, porque o barco bateu num pau e quebrou uma tábua, de modo que, se não estivéssemos perto da terra, ali acabaríamos a nossa jornada” (p. 18). A viagem prossegue, as dificuldades se multiplicam, não há qualquer sinal de povoação e muitos se desesperam.

Com a permissão do comandante, Carvajal celebra missa “encomendando a Nosso Senhor nossas pessoas e vidas, suplicando-lhe [...] que nos tirasse de tão manifesto e perdição” (p. 19). Naquela altura, era difícil retornar por terra e impossível de voltar por água pela forte correnteza que empurrava a embarcação ao desconhecido.

Sem alimentos e em condições precárias, confiando na providência divina, “suplicando a Nosso Senhor que houvesse por bem guiar-nos naquela jor-

nada, de maneira que pudéssemos volver aos nossos companheiros”(p. 18), os viajantes continuam a descer o rio, com a intenção de buscar algo para auxiliá-los, entretanto, é me penúria e fome que irão encontrar, conforme registro de Carvajal: “chegamos a tal extremo que só comíamos couro, cintos e solas de sapatos cozidos com algumas ervas”, o mesmo trecho informa que a “fraqueza era tanta que a maioria não conseguia ficar de pé”. Outros, desesperados, buscavam alimentos na selva, idéia desastrosa que, praticamente, os levou à morte: “houve alguns que comeram algumas ervas desconhecidas, ficando às portas da morte, pois estavam como loucos e não tinham miolo” (p. 19). Apesar dos percalços, Carvajal se mantinha firme e confiante na providência divina que, de algum modo, os tiraria do perigo.

Mesmo no limite de suas forças, os expedicionários continuam a viagem com o entusiasmo de Orellana que os animava com palavras de confiança para que suportassem aquele momento. O cronista não conta de que maneira o grupo se reabilitou, visto que “no dia do ano bom de quarenta e dois” (Carvajal, loc.cit.), alguns companheiros seus ouviram tambores distantes, confirmando a presença de pessoas e a possibilidade de sobrevivência, fato que somente aconteceu nove dias depois, quando avistaram sinais de ocupação humana. Chegando ao local, saltaram a terra e, após a fuga dos nativos para a selva, saquearam a aldeia: “Aqui começaram os companheiros a vingar-se do passado, pois não faziam senão comer do que os índios haviam guisado para si e beber as suas beberagens, isto com tanta ânsia que não pensavam em fartar-se” (p. 21).

Apesar da aparente facilidade em se apropriar do que necessitavam na aldeia, Orellana e seus homens se acautelam contra possíveis contra-ataques e se munem de escudos sobre os ombros e espadas debaixo do braço. Com a chegada de um grupo de índios, através do rio, o capitão fez questão de manter entendimento na língua nativa e solicitar a presença de seus chefes, fato acontecido no dia seguinte, com a presença de três outros caciques.

Carvajal discorre sobre a tomada de posse da terra por Orellana, em nome do rei da Espanha, sobre a interlocução com os chefes, em número de

treze e acerca de vários discursos proferidos pelo capitão a seus comandados para animá-los a prosseguir viagem e direcioná-los nas ações mais necessárias naquele momento. Orellana sugere-lhes a possibilidade de um grupo voltar e dar notícias ao governador Gonzalo Pizarro sobre os acontecimentos, mas nenhum homem se pronunciou a empreender tal façanha, apesar de lhes oferecer mil castelhanos³. Os expedicionários permanecem vinte dias no local, num trabalho árduo e incessante, para consertar as embarcações, sempre contando com a boa acolhida dos nativos que lhes traziam “comida farta e com tanta ordem como se toda a sua vida tivessem servido” (p. 25).

Aos poucos, o grupo segue o curso do rio, passa por momentos de tranqüilidade, ou de perigo iminente, sempre com a esperança de levar a bom termo a empreitada. Carvajal comenta sobre as povoações e os caciques que Orellana tem contato, dentre eles o chefe Apária a quem faz uma visita. Nessas terras, o grupo de Orellana permaneceu durante a Quaresma, construiu um novo bergantim em trinta e cinco dias e soube da existência das Amazonas.

Prosseguindo a viagem, os espanhóis vivem na absoluta tranqüilidade por mais de oitenta léguas, mas as grandes extensões despovoadas trazem dificuldades para a alimentação do grupo. Cerca de duas semanas depois chegam às províncias de Machiparo e de Omágua, chefes de grandes e belicosas povoações. Nas terras desses senhores, os expedicionários enfrentam a hostilidade dos nativos e, apesar de serem minoria, conseguem sobrepujá-los na guerra pela vantagem de manusear armas de fogo que lhes serão úteis em uma série de ataques na continuação do percurso, conforme depoimento do cronista: “com ajuda de Nosso Senhor e com a boa manha e ventura de nossos balhiteiros, fizemos algum dano aos índios, que tiveram por bem retirar-se e voltar para as suas casas” (p. 45).

Deixadas para traz as terras dos omáguas, a expedição adentra a área de Paguana, onde havia “muita gente e muito pacífica, pois chegamos, no princípio da sua província, a um povoado de mais de duas léguas de com-

3 Cf. C.de Mello-Leitão, em nota na p. 25, castelhano era uma moeda de ouro desse tempo, valendo a quinquagésima parte de um marco de ouro.

primento, aonde os índios nos esperavam em suas casas, sem fazer mal, nem dano, antes nos davam o que tinham" (p. 50). O cronista dispensa inúmeros elogios à beleza da terra, à abundância de alimentos, à excelência de sabor das frutas, sempre enfatizando o número de aldeias e a densidade demográfica. Apesar da tranquilidade, não esconde os saques empreendidos pelos espanhóis nas aldeias: "tomamos uma pequena aldeia, onde achamos comida, e aqui terminou a província de Paguana, e entramos em outra província muito mais belicosa de gente que nos fazia guerra incessante" (p. 45).

Em sete de junho, os expedicionários abastecem seus barcos de gêneros alimentícios, especialmente de peixe seco, saqueando uma pequena povoação onde só havia mulheres. Supondo que o povoado era pequeno, os viajantes insistem com Orellana para deixá-los pernoitar ali, o que foi consentido por ele, mesmo a contragosto. No final da tarde, os homens da aldeia retornam a seus lares e promovem uma renhida luta que se estendeu durante a noite, mas graças à perícia militar do capitão, aliada à bravura de seus companheiros todos conseguiram salvar-se. Ao clarear o dia, Orellana ordenou a partida e a morte de alguns nativos, conforme o cronista: "que se enforcassem alguns prisioneiros que tínhamos feito, para que os índios daí por diante nos cobrassem temor e não nos atacassem" (p. 54).

Em vinte e três de junho os companheiros de Carvajal atingem as terras das supostas amazonas. De acordo com o registro do cronista, "estavam estes povos já avisados e sabiam da nossa ida, e por isso nos vieram receber no caminho por água, mas não com boa intenção" (p. 77), afirma ainda que o capitão tentou interlocução pacífica com os índios, mas estes "riram dos espanhóis" e disseram que "iriam aprisioná-los e levá-los às amazonas". Orellana, ofendido com tamanha afronta, ordenou o uso de armas de fogo, afugentando temporariamente os nativos. Uma luta feroz se estabelece com a chegada de outras tribos, acrescidas de um grupo de mulheres, as amazonas, acontecimento que celebrizaria Carvajal na História.

Houve muitos feridos entre os espanhóis, incluindo Carvajal; seus bergantins "pareciam porco espinho" dado ao número de flechas presas nele.

na água, o menor ficar consertado, o que lhes permite a fuga.

Sobre os últimos acontecimentos, Carvajal enfatiza que somente Deus poderia tê-los livrado da morte e sintetiza os sentimentos de alegria de todos os expedicionários, numa espécie de oração: “ó imenso e soberano Deus, quantas vezes nos vimos em transe de agonia, tão perto da morte que, sem a tua misericórdia, era impossível alcançar forças nem conselhos dos vivos para ficar com as vidas” (p. 75).

No dia seguinte, os viajantes encontram um lugar apropriado, onde permanecem por dezoito dias, período em que trabalham com desvelo na confecção de pregos para melhorar o conserto do barco pequeno, apesar da falta de alimentação que os leva a comer “anta morta” e milho por “grãos contados”. Mais adiante, adaptam os dois bergantins para navegar no mar, com o uso de ervas no preparo de cabos e com a utilização de mantas na feitura de velas, gastando com trabalho quatorze dias, no fim dos quais concluem a obra com grande alegria. Partem do local no dia oito de agosto, passando por povoações de “gente mansa” com quem conseguem raízes e milho torrado. Saem da desembocadura do rio entre duas ilhas em vinte seis de agosto e vêem o espetáculo em que água doce do rio Amazonas entra pelo mar mais de vinte e cinco léguas.

Dia vinte nove de agosto, em pleno mar, os bergantins se perdem um do outro. O barco maior, onde viaja Carvajal e Orellana percorre o litoral durante nove dias e encontra o golfo de Pária por onde navegam por mais sete dias. Na avaliação do cronista, “com muito trabalho saímos pela boca do dragão, que tal se pode chamar para nós, porque por pouco não ficamos lá dentro”. (p.79) Embora sem saber onde estavam ou para onde iam, os homens de Orellana chegam em 11 de setembro de 1542 à ilha de Cubágua e cidade de Nova Cadiz, onde já se encontrava o bergantim pequeno, para a euforia de todos.

Na última parte da crônica, Carvajal se coloca na condição de historiador, com o propósito de contar a verdade, em nome de Deus e de seus governantes:

eu, Frei Gaspar de Carvajal, o menor dos religiosos da Ordem de nosso religioso Pai São Domingos, quis relatar os trabalhos e sucessos de nosso caminho e

navegação, tanto para dizer a verdade em toda esta narrativa, como para tirar motivo a que muitos queiram contar esta nossa peregrinação ao contrário do que vimos e sofremos. E como a prodigalidade gera fastio, assim, superficial e sumariamente contei o que aconteceu ao Capitão Francisco de Orellana e aos fidalgos de sua companhia e companheiros que saímos com ele do real de Gonzalo Pizarro, irmão de D. Francisco Pizarro, marquês e governador de Peru (p.78).

Apesar do final parecer retórica viciada, típica de relatos dos viajantes, mesmo Carvajal tendo sido contestado ao longo dos séculos, pela veracidade dos fatos narrados, especialmente o “episódio das amazonas”, seus escritos têm o poder de permanência própria dos documentos, tanto é que o nome do rio do *Marañon* ou rio de *Orellana*, passa a ser chamado, por Acunã, no século XVII de Rio das Amazonas, nome que se conservou na Geografia e na História brasileiras.

O discurso de Carvajal e a nomeação dos espaços

Carvajal afirma, no início da crônica, que irá relatar o testemunho ocular de “um homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento” (p.13), na parte final expressa o desejo de narrar as ocorrências da viagem com toda verdade, não só pelos trabalhos realizados, como também “para tirar o motivo a que muitos queiram contar esta nossa peregrinação ao contrário do que vimos e sofremos” (p.79). Essas palavras, no entanto, não serviram para isentar o seu texto do caráter fantasioso, seguindo a tradição de muitos outros da época.

Há dúvidas quanto a época em que o religioso redigiu os escritos, segundo a opinião do etno-historiador Antônio Porro (1992), nas (*Crônicas do rio Amazonas*):

não sabemos se Carvajal escreveu o seu relato durante a própria viagem ou se o fez na sua breve estadia nas Antilhas, antes de voltar ao Peru. O mais provável, é que tenha mantido um diário dos principais acontecimentos, dando-lhe após a viagem melhor forma e o título (p. 19).

Mesmo sem precisar o período que o dominicano elaborou a crônica, é provável que a coleta de dados tenha sido realizada de maneira fortuita durante a viagem, já que não estava na expedição com esse objetivo. Carvajal exercia a função de conselheiro espiritual do governador de Quito, Gonzalo Pizarro, e assume a mesma condição na expedição de Orellana, daí os vários momentos de entrega a Deus, com missas, orações, confissões, além do discurso acentuadamente religioso:

estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aflição e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos de dois males aquele que ao capitão e a todos nós parecia o menor, e foi por diante, seguindo o rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio (Carvajal, 1994, p. 19).

Carvajal fazia parte de um grupo de cinquenta e sete homens que lutavam pela sobrevivência, por este fato o contato com os nativos era sempre motivo de tensão, razão pela qual muitos relatos se apresentam permeados de medo e quase não se percebe satisfação no que o cronista vê, analisa e discorre.

Todas as privações pelas quais passaram os homens de Orellana durante a viagem, somadas à situação desses conquistadores para navegar em condições tão adversas, dão à expedição uma feição de aventura de fome e de temor, conforme registra a analista do discurso Ingedore Grunfeld Villaça Koch [et al] no ensaio "A descoberta do Brasil pela Amazônia: o relato de viagem de Gaspar de Carvajal" (2000):

nossa leitura do texto nos permite dizer que um dos principais sentidos produzidos na crônica de Gaspar de Carvajal é a apresentação das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelo capitão Orellana e seus homens para saírem vivos daquela jornada tão inesperada e perigosa. Carvajal está preocupado em descrever detalhadamente os passos dados pelo grupo,

os motivos, as razões pelas quais o grupo aportava ou não em determinado lugar, as formas de comunicação estabelecidas entre os espanhóis e os índios. [...] É como se, a todo o momento, o cronista estivesse primordialmente chamando a nossa atenção para a esportezza, a coragem, a inteligência, a força de vontade, e, ao mesmo tempo, para as fraquezas, as desventuras, os medos daqueles homens frente a uma situação sem precedentes. [...] Não havia lugar para a persuasão. Era mais urgente relatar uma saga (p. 81).

O texto de Carvajal, portanto se mostra isento da intenção específica de documentar. O registro do cronista é circunstancial, seu olhar é “desarmado”, livre de compromissos com quem quer que seja, embora imbricado de cultura européia e religiosa. Pelo fato de Orellana não visar à conquista e sim buscar a ajuda para a expedição de Gonzalo Pizarro, “não se pode dizer que o narrador aqui possibilita explicitamente a construção de uma justificativa para que a coroa espanhola se interessasse pela exploração daquele lugar” (2000, loc.cit.), conforme assinala Koch, no mesmo ensaio.

Excetuadas as questões controversas ou consideradas de difícil aceitação por historiadores e leitores, há aspectos que seguem as molduras culturais do europeu frente ao novo mundo e outros que são muito específicos de um cronista religioso, um deles é a nomeação dos espaços.

O lugar lhe é desconhecido, há pouca referência anterior, assim Carvajal, à medida que avança na viagem, vai observando os locais por onde passa e os nomeia. Alguns nomes permanecem outros se modificam ao longo dos séculos, o nome empregado tem o suporte da observação subjetiva do cronista, mas pautado na construção objetiva dos sentidos, seguindo os moldes do período, conforme a opinião de Michel Foucault (1999):

no ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; ela foi depositada no mundo e faz parte dele porque as próprias coisas ocultam e manifestam o seu enigma como uma linguagem, e porque as palavras se oferecem aos homens como coisas a decifrar [...] Deve ser estudada como uma coisa da

natureza (p. 47).

A nomeação dos lugares conquistados é comum na literatura de viagem, antes do século XVIII. Para isso, alguns usavam o calendário religioso, outros procuravam homenagear a alguém, muitos buscavam índices identificadores. Todorov (1991) analisa os escritos de Colombo e informa que o descobridor da América seguia a ordem cronológica, associada ao grau de importância de quem iria homenagear: "A seqüência [era]: Deus, a Virgem Maria, o rei de Espanha, a rainha, a herdeira real" (p. 32).

Diferentemente de Colombo, Carvajal usa índices para fazer sua nomeação. Assim, um rio por onde passa, uma tribo que lhe chama atenção ou um lugar especial recebem de Carvajal suas identidades, de forma "não arbitrária", conforme a afirmação de Foucault. Em um dos trechos o dominicano afirma: "não tínhamos andado obra de duas léguas, quando vimos entrar à mão direita outro rio mui poderoso e maior. Tão vasta era a entrada, que fazia três ilhas, razão pela qual chamamos a esse, *Rio da Trindade*" (Carvajal, 1941, p.46).

A identificação do rio se dá por elementos catafóricos, a presença de três ilhas em sua foz. O rio da Trindade chama-se, atualmente, Purus, nome tomado da tribo dos Paumaris, conhecidos por puru-purus, em razão de serem afetados por uma doença dermatológica com essa nomenclatura. O rio Purus é considerado o rio mais tortuoso da bacia amazônica e, depois do rio principal, é o que possui maior navegabilidade, cerca de mais de três mil quilômetros de extensão.

Carvajal faz longas descrições sobre as aldeias encontradas e as etnias que as habitavam, próximo ao rio Purus; comenta que determinado vilarejo possui "uma casa de diversões, dentro da qual encontramos muita louça dos mais variados feitios: havia talhas e cântaros enormes, de mais de vinte e cinco arrobas" (p.47).

Em outro trecho, seguindo a concepção de Foucault, Carvajal nomeia novo afluente do rio Amazonas:

nesse mesmo dia, saindo d'ali, prosseguindo a nossa

viagem, vimos uma boca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de *Rio Negro*. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma (p. 50).

Além de nomear o rio das águas negras, o cronista descreve com grande realismo uma das atrações turísticas da Amazônia, o “encontro das águas”, ponto de confluência entre o rio Negro, nome ainda mantido, e o rio Solimões, formando duas faixas de água que seguem paralelamente sem se misturar por vários quilômetros, produzindo um dos fenômenos da natureza mais surpreendentes. Tal fenômeno é decorrente do grau de densidade e da diferença de temperatura das águas claras do rio Solimões e das águas escuras do rio Negro.

A junção dos dois rios propicia a visibilidade do “encontro das águas” por vários quilômetros de extensão, principalmente na época das cheias. O rio Negro é o mais importante afluente da margem esquerda do rio Amazonas e banha a capital do Estado, Manaus; Solimões é nome que recebe o rio Amazonas a partir de sua nascente até a desembocadura do rio Negro, quando passa a ser chamado rio Amazonas.

Além do rio da Trindade e do rio Negro, Carvajal batiza um novo afluente do rio Amazonas, o rio Grande:

esse dia nos metemos num monte e descansamos o dia seguinte, prosseguindo a nossa viagem no imediato. Não havíamos ainda andado quatro léguas quando vimos entrar pela mão direita um rio muito grande e poderoso, o maior que o que percorríamos, e por isso lhe pusemos o nome de *Rio Grande* e passamos adiante (p. 54).

A descrição não possibilita identificar, de imediato, o rio nomeado por Carvajal de rio Grande, contudo, ao longo da crônica há referência das distâncias percorridas, do tempo gasto no percurso e se chega à conclusão de que o rio Grande tem o nome atual de rio Madeira. Apesar da nomenclatura do rio Grande ser outra, traços do que o cronista percebeu ainda permanecem, haja vista que este rio é considerado o mais caudaloso afluente da margem

direita do rio Amazonas, cuja força de suas águas, no ápice da enchente, final de março, atinge até onze milhas por hora em alguns locais.

Entre os nativos o rio Grande de Carvajal era conhecido por rio Caiari, que significa rio de “águas brancas”, entretanto no período de colonização portuguesa, o rio Caiari recebeu o nome de rio Madeira pela enorme quantidade de madeira que ainda hoje carrega no fluxo das águas, em consequência das árvores e plantações arrastadas das margens mais baixas, pela força de sua correnteza; efetivamente ele é um rio “muito grande e poderoso”, conforme Carvajal descreveu.

Seguindo a viagem, Carvajal descreve: “havia nessa aldeia sete picotas, [...] tendo pregado nelas muitas cabeças de mortos. Por isto pusemos a este lugar o nome de *Província das Picotas*⁵, que se estendia setenta léguas rio abaixo” (p. 55).

Além dos rios, certos lugares também são nomeados por Carvajal, esse trecho, por exemplo, foi extraído de uma parte em que o cronista descreve várias povoações, as dificuldades para conseguir alimento, por motivo das tribos não deixarem as aldeias livres para serem saqueadas, como vinha ocorrendo, ao contrário disso, esses grupos lutavam muito e os espanhóis eram obrigados a fugir. A referência aos sete pelourinhos, contendo várias cabeças, justifica a idéia de que as tribos daquela área eram extremamente belicosas e era necessário navegar ao largo do rio, para não se confrontarem com elas.

Em outra parte da crônica Carvajal registra:

quarta-feira tomamos um povoado que estava no meio de um arroio pequeno, numa grande planície de mais de quatro léguas. Constituía este povoado uma única rua, com uma praça no meio, estando as casas de um lado, e aí achamos muita comida. A este povoado chamamos, por estar assim disposto, povoação da Rua (Ibid, p.58).
Tornando à nossa viagem: mandou o capitão que fôs-

|||||
⁵ A palavra “picota” sofreu desgaste semântico na acepção usada por Carvajal. Segundo o *Dicionário Houaiss*, “picota” é um diacronismo antigo, datado de 1145, originário do verbo picotar (fazer pequenas perfurações) que significava pau a prumo que se usava como pelourinho, onde se expunha a cabeça decepada dos condenados. Na Amazônia, picota é uma espécie de ave, galinha-d’angola.

semos para o meio do rio para fugir dos povoados, que eram tantos que causava espanto. Chamamos a esta província de São João, porque em seu dia entramos nela (p. 63).

Embora a presença dos dois trechos seja para demonstrar a maneira pela qual Carvajal nomeava os lugares, não se pode negligenciar o fato de que os fragmentos fazem parte de um conjunto de relatos demonstrando a densidade populacional das povoações, com organização estrutural das aldeias; o cultivo da terra, com plantações de árvores frutíferas; a abundância de milho, aveia, tartarugas, perus, papagaios para alimentação; vinho de boa qualidade, "parecendo cerveja", além da fabricação de roupas em algodão e o belo artesanato feito pela sua gente.

Aos olhos do cronista nada passa despercebido, mas raras vezes demonstra seu ponto de vista estético como na passagem "grandes províncias e povoações, que estavam na terra mais vistosa e alegre que vimos e descobrimos em todo rio" (p.68). É dessas "vistosas e alegres" terras que chegam inúmeras canoas, repletas de índios para atacar os espanhóis que, na voz do religioso são pessoas "grandísimas e mais altas que os nossos homens mais altos, e andam tosquiados e todos tismados de negro, pelo que as chamamos *Província dos Negros*" (Carvajal, loc.cit.).

Segundo os estudos antropológicos das etnias amazônicas, poucos elementos apresentam alta estatura, assim como raramente as tribos usam tintura negra em seus corpos, a não ser em ocasiões especiais. Pelo local descrito, com grandes povoações, provavelmente a tribo dos Negros pertence a alguma etnia do baixo Amazonas.

Mesmo sem pretender a memória histórica, o texto carvajaliano serviu para isentar Orellana da pecha de "traidor", divulgada na Europa e na América espanhola, segundo Guillermo Guicci (1992):

para Gonzalo Pizarro, como também para a Coroa espanhola, Orelhana convertia-se num rebelde. Na carta que Pizarro enviou ao Rei em 1542, Orelhana aparece

retratado como um rebelde desalmado, que concretizou 'a maior crueldade que nunca homens sem fé tenham demonstrado'. Conhecida na historiografia como 'a traição do zarolho Orellana', a versão se caracteriza por colocar a ambição pessoal acima da solidariedade grupal, e a ilusão de riqueza ou fama acima da promessa e da honra (p. 25).

Apesar de Francisco de Orellana ter recebido do rei da Espanha a "Nova Andaluzia", nome com que foi batizada a região amazônica por onde percorreu, não houve ocupação, nem conquista daquele território, Orellana e Carvajal apenas seguiram a trilha que pudesse levá-los a satisfazer suas necessidades imediatas: a sobrevivência pessoal e de seus companheiros.

Márcio Souza (1977) não analisa especificamente o discurso desse cronista, mas o legado escrito deixado por amazonautas de um modo geral. Carvajal se inclui entre eles, pois é a partir desses textos fundadores que:

a Amazônia abria-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes como dantes nunca vistos e a selva pela primeira vez deixando-se envolver. Uma visão de deslumbrados que não esperavam conhecer tantas novidades. [...]

As narrativas dos primeiros viajantes imitaram essa perplexidade e, como representação – quer fossem uma ligação ou necessidade –, ofereciam ao mundo uma nova cosmogonia; dramaturgia de novas vidas ou espelho de novas possibilidades, tal era o espírito de todas elas, enunciando e formulando o direito de conquistar dos desbravadores portugueses (p. 53).

Embora a expedição de Orellana passe fome, Carvajal não afirma que a terra seja pobre em alimentos. Ele chama a atenção para alguns elementos da fauna e flora como a mandioca, o peixe-boi, a tartaruga, o peixe-elétrico e demonstra que há variedade de línguas e diversidade de etnias, retratando o modo de viver desses povos. O dominicano aprova o sabor dos alimentos, do clima, deslumbra-se diante de alguns fenômenos da natureza, como o encontro das águas do rio Negro com o rio Solimões. Além dos aspectos citados, o providencialismo divino e a necessidade de catequese são demonstrados no

seu discurso.

Um aspecto presente na literatura de viagem é recorrência do maravilhoso, presente mito das amazonas que Carvajal diz ter encontrado e registrou no *Descobrimento do rio de Orellana*, fato não comprovado que deu nome ao rio e ao estado do Amazonas.

A nomeação do espaço é um dos temas abordados na crônica do dominicano, mas seu discurso não se funda apenas em dar testemunho da verdade, há equívocos na interpretação de fatos e a revitalização de mitos já existentes como o “encontro com as amazonas” pelo qual foi duramente criticado, embora tenha sido um dos relatos que mais tenham fascinado o imaginário do homem europeu. Esse encontro, registrado pelo religioso no *Descobrimento do rio de Orellana* deu nome, não só ao rio Amazonas, cuja navegação Carvajal teve o privilégio de ser o pioneiro, como também ao estado do Amazonas, espaço físico por onde atravessa o “rio das mulheres guerreiras”.

Referências

CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

FOUCAULT, Michel. A prosa do mundo. In.: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIUCCI, Guillermo. *Frei Gaspar de Carvajal*. São Paulo: Scritta, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, BENTES, Anna Christina; FIGUEIREDO, Aldrin Moura. A descoberta do Brasil pela Amazônia: o relato de viagem de Frei Gaspar de Carvajal. In: *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. Diana Luz Pessoa Barros (Org.). São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

MELLO-LEITÃO, C. de. “Prefácio”. In: CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristóbal. *Descobrimientos do rio das Amazonas*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

PORRO, Antônio. *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis: Vozes, 1992.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-ômega, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI e XVII)*. Tese (Doutorado em História, na área de História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.